Fernando Molica

Cangaço reciclado na terra do sol

Ousada, estrelada por ótimos atores, bem escrita e dirigida, a série "Cangaço novo" (Prime Vídeo) faz mais do que uma síntese de grandes produções brasileiras no cinema e na televisão. Bebe nessas fontes, mas, como "Bacurau"(2019), de Kleber Mendonça Filho, aponta novos percursos e reinventa um jeito de narrar, dialoga com as profundas mudanças ocorridas na nossa sociedade nas últimas décadas.

Nas primeiras cenas, o uso do preto e branco, o enterro de um cangaceiro e o cenário da caatinga remetem a filmes do cinema novo que procuravam revelar e entender uma realidade nordestina ainda predominantemente rural. O menino Ubaldo que, ensanguentado, corre por entre mandacarus lembra a fuga de Manoel nas cenas finais de "Deus e o diabo na terra do sol" (1964), de Glauber Rocha. O sobrenome de Ubaldo é Vaqueiro — palavra que designa o ofício de Manuel e que acabaria incorporada ao seu nome.

Criada por Eduardo Melo e Mariana Bardan, dirigida por Fábio Mendonça e Aly Muritiba, a série, como resume o título, trata de um novo tipo de banditismo, herdeiro do cangaço que existiu entre o fim do século 19 e as quatro primeiras décadas do século 20. O rural cedeu lugar ao urbano, cavalos foram substituídos por motos e SUVs, os ataques agora têm como alvo, principalmente, agências bancárias.

As formas de exercício do poder também foram atualizadas: no lugar de fazendeiros e coronéis há políticos mais jovens, que mantêm relações com Brasília. Permanecem, porém, questões como diferenças sociais, concentração de terras e desvio de água.

"Cangaço novo" reitera e atualiza temas recorrentes na cultura brasileira, como fé, mitologia e a ideia de um destino do qual não se pode escapar. Levado para fora da cidade ainda criança depois do assassinato do pai, Ubaldo (Allan Souza Lima), já adulto, acaba forçado a retornar para sua terra, onde assumirá seu sobrenome e seu papel social. Ele não conseguirá deixar de ser um Vaqueiro.

Diferentemente do que chegou a ser cultivado há algumas décadas, a série deixa claro que cangaceiros, antigos ou novos, são assassinos e ladrões; na trama há pelo menos um estuprador. Um dos grandes trunfos do roteiro é, porém, mostrá-los como pessoas que enfrentam outros bandidos — não há inocentes nem heróis, mas personagens que optam por uma forma de encarar um universo hostil, injusto e agressor.

"Cangaço novo" exercita uma das grandes possibilidades da ficção, a de mostrar as razões e as emoções do outro, de gerar empatia até com quadrilheiros. Mas o espectador é sempre alertado para os crimes cometidos; entender não significa desculpar ou perdoar.

A série, pelo menos nos seus primeiros capítulos, não cai na tentação de oferecer supostas saídas: mostra conflitos, ressalta novas faces de velhas tensões. O Manoel, vaqueiro, fugiu na direção do mar; Ubaldo, seu neto simbólico, agora corre — também em busca de uma incerta e improvável redenção.

Luís Cláudio Souza Leão*

Rio de Janeiro: os desafios de segurança pública que assombram o cartão postal do Brasil

Um verdadeiro cartão postal do Brasil para o resto do mundo, o Rio de Janeiro é famoso pela paisagem deslumbrante e pela rica herança cultural. Por outro lado, por mais acolhedor que seja o povo brasileiro, a capital fluminense vê sua imagem constantemente atrelada a um desafio persistente, que, infelizmente, assombra os moradores e turistas: a segurança pública. A violência urbana não só compromete a qualidade de vida dos cariocas, mas também acomete setores como o turismo, o comércio e o transporte de cargas, dois pilares vitais para a economia da cidade.

Infelizmente, a cidade, também conhecida pelas praias deslumbrantes e as rodas de samba, sofre com uma epidemia de roubos de carga. Desde 2020, quando o Supremo Tribunal Federal restringiu operações policiais nas rodovias do estado, quadrilhas criaram uma verdadeira logística que aproveita as brechas para roubar e distribuir toneladas de cargas de caminhões que são assaltados. Apesar de uma queda nos registros dos últimos anos, o estado do Rio de Janeiro teve um prejuízo estimado em quase R$ 390 milhões por conta dos roubos de carga no ano de 2022, com uma média de 12 casos diários, de acordo com a Federação das Indústrias do RJ (Firjan).

Essa realidade, além de fazer com que caminhoneiros desviem o Rio da rota, encarece os serviços de seguro, resultando em uma conta que pesa no bolso de todos, começando pelo prato de comida. Outro setor que sofre com a crescente insegurança é o comércio eletrônico, que apesar da expansão trazida pela pandemia, é desencorajado pela possibilidade de roubo durante as entregas, o que desacelera o crescimento do setor e, consequentemente, a geração de empregos.

Por dias melhores

Nossa cidade é a segunda maior do país e do hemisfério sul, capital cultural do Brasil, do pensamento. É lamentável quando pessoas de fora questionam como é possível conduzir uma empresa em uma cidade com tantos problemas como pessoas com fuzil, tráfico e milícia. Essa não é a imagem que gostaríamos de passar para o mundo, mas é um estigma que precisa ser combatido com as devidas ações. O Rio ocupa o 22º lugar entre os estados no ranking nacional de segurança. No ano de 2022, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP), o estado do Rio de Janeiro registrou recordes positivos em diversos indicadores de segurança pública. A letalidade violenta, englobando homicídios dolosos, lesões corporais, latrocínios e mortes de agentes de estado, alcançou o menor número de vítimas desde 1991.

As mortes por intervenção de agentes do estado apresentaram uma redução de 12% no primeiro semestre de 2023, atingindo o menor patamar desde 2016. Já os crimes de rua, como roubos a pedestres, a residências e no transporte coletivo, houve uma diminuição de 16% em relação ao mesmo período do ano anterior. Ainda segundo os dados do ISP, a produtividade policial também teve impacto significativo, com 19.093 prisões em flagrante no primeiro semestre deste ano, além da retirada de 20 armas de fogo das ruas diariamente. Houve a recuperação de 43 veículos por dia e 64 apreensões diárias de drogas.

A necessidade de novas estratégias

Desvendar o ciclo de insegurança requer uma abordagem holística e colaborativa. No início de agosto, autoridades, especialistas e empresários de vários setores do RJ, como transporte, hotelaria e cargas, se reuniram no evento Rio Day, no Senado Federal, para encontrar soluções e caminhos que reduzissem os índices de criminalidade da capital fluminense. Para que essa melhoria na segurança ocorra, conforme apontado no encontro, a cidade precisa de parcerias público-privadas, estratégias e políticas públicas aprimoradas, implantação de tecnologias avançadas de vigilância, bem como a oferta de empregos pelo setor produtivo para colaborar com a ressocialização de detentos e o engajamento da sociedade civil ao longo de todo o processo.

Mais do que remediar, o cuidado com a segurança pública também deve envolver a prevenção da criminalidade, investindo na formação do cidadão desde o início, com projetos sociais de educação, esporte e cultura. Uma das autoridades que pautaram esse ponto no encontro foi o senador Carlos Portinho, que defendeu um esforço integrado entre estados e municípios para trazer oportunidades aos jovens, inclusive por meio dos equipamentos públicos que já existem. "Temos que ouvir, seguir e entender que a segurança não é só a ação policial. É uma parte. O Estado tem que casar a escola com as atividades sociais e esportivas das comunidades. Trazer os clubes e as federações, quantos talentos tem lá desperdiçados?", questionou.

O caminho a seguir pode ser complexo e sem fórmulas prontas, mas ao aprender com exemplos reais de estratégias que funcionaram em outras grandes cidades ao redor do mundo e agir de forma integrada, há a esperança de que o Rio de Janeiro possa reverter esse quadro para a população e a economia. Ao refletir sobre esses desafios, é fundamental que a sociedade se una para transformar a cidade em um ambiente propício para os negócios e o turismo, e seguro para as pessoas, garantindo qualidade de vida, e propício para negócios.

***Graduado em engenharia elétrica e pós-graduado em análise de sistemas pela PUC-Rio. Presidente do Instituto Coalizão Rio e diretor comercial da Fundação São Francisco de Assis**

Rodrigo Bethlem*

O paradoxo de Mauro Cid e a Lava Jato

O caso do tenente-coronel do Exército Brasileiro, Mauro Cid, é impressionante. Observem como um único processo consegue reunir todas as aberrações que, durante a Lava Jato, muitos reclamavam.

Vamos aos fatos: o Mauro Cid não tem foro especial, mas foi preso pelo Supremo Tribunal Federal (STF) porque lá tramita investigações do inquérito sobre milícias digitais. Vale destacar que Cid foi preso por suspeita de inserção de dados falsos sobre vacinação de Covid-19 em sistemas do Ministério da Saúde

Importante relembrar que o inquérito conhecido como "inquérito das milícias digitais" foi instaurado em 2021 por Alexandre Moraes a partir de indícios e provas da existência de uma organização criminosa, de forte atuação digital, que se articularia em núcleos político, de produção, de publicação e de financiamento, com a finalidade de atentar contra a democracia e o Estado de Direito no país.

Cabe aqui um questionamento: o ex-ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro disparou algum whatsapp para alguém? Ele tinha algum site ou alguma coisa disparando fake news por aí? A resposta é não!

Então, a pergunta que não quer calar é: o que tem a ver falsificação de carteira de vacinação com milícia digital? Eu, realmente, não sei. Mas ele foi preso por conta disso.

E em mais: ele está denunciado? Mais uma vez, a resposta é não! Mauro Cid ficou numa prisão preventiva porque supostamente ele põe em risco a sociedade.

Aí, eu levanto a seguinte reflexão: em que um sujeito que supostamente falsificou um cartão de vacina põe em risco a sociedade? Também não sei! Mas fato é que ele ficou preso provisoriamente.

Agora, a cereja do bolo. O tenente-coronel deixou o Batalhão de Polícia do Exército de Brasília na tarde de sábado (09/09), após 116 dias preso. Ele colocou uma tornozeleira eletrônica. A liberação ocorre após a homologação de seu acordo de delação premiada com a Polícia Federal (PF). Cid faz delação premiada e é solto no dia seguinte. Ou seja, claramente prenderam o cara para levá-lo a fazer a delação

Essa prática não é a mesma que foi tão severamente criticada na época da Lava Jato? Não diziam que as pessoas eram presas, que sofriam tortura psicológica, para aceitarem fazer delação? O que foi feito agora com o Mauro Cid não foi igual?

Defendo que regra tem que existir para todo mundo, para quem eu gosto e para quem eu não gosto. Não é possível gritar contra a Lava Jato, ver as coisas acontecerem de maneira até pior e, agora, achar tudo normal.

***Ex-deputado e consultor político**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã

HÁ 100 ANOS: REVOLUCIONÁRIOS GANHAM DUAS BATALHAS NO SUL

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de setembro de 1923 foram: revolucionários conseguem mais duas vitórias no Sul do país, em Poncho Verde e Passo Juliana. Lei de Imprensa é embarreirada no Senado. Militares espanhóis se articulam para tentar derrubar o governo vigente, e não a monarquia. México quer sair da Liga das Nações. Itália e Grécia perto de entendimentos sobre Janina.

HÁ 75 ANOS: SENADO SE ARTICULA PELO AUMENTO DOS SERVIDORES

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de setembro de 1948 foram: novo premiê francês, Henri Queielle promete esforços para fazer o país voltar a ser uma potência econômica. Ruas de Berlim são tomadas de manifestantes contra a condenação de estudantes a 25 anos de trabalhos forçados. Comissões do Senado se articulam para votar de forma uniforme a lei dos vencimentos dos servidores.

EDITORIAL

Rio em defesa da Liberdade Religiosa

Mais uma vez a Orla da praia mais famosa do mundo foi palco de um dos atos mais importantes que o Brasil tem atualmente. Foi realizada, neste domingo (17), a 16ª Caminhada da Liberdade Religiosa, que tradicionalmente acontece no terceiro domingo de setembro.

Mesmo com alegria diante de apresentações de grupos culturais e religiosos, todos estiveram em um só intuito, contra a intolerância religiosa que está cada vez mais em alta num país que é considerado Laico.

Sem bandeiras políticas ou partidárias, a caminhada surgiu em 2008 em reação a episódios crimes no Morro do Dendê, na Ilha do Governador. Na ocasião, adeptos das religiões de matriz africana foram expulsos da comunidade e impedidos de utilizar suas vestimentas.

Como o Correio sempre defende a liberdade religiosa, em um breve levantamento já divulgado em nossas reportagens, é concreto o aumento do preconceito e crimes relacionados à religião. Somente em um ano, o número de denúncias cresceu em 106%. Em 2021, foram 583 registros e no ano seguinte, 2022, o total saltou, absurdamente, para 1,2 mil.

Mesmo tendo São Paulo como o estado recordista destes casos inaceitáveis, o Rio vem logo depois.

Parabéns aos envolvidos e organizadores de mais edição de um evento tão importante para a 'ensinar' a sociedade brasileira que devemos viver em um país em que não exista preconceito e que a religião do próximo mereça ser respeitada, independentemente de qual seja ela.

Como aceitar a informação de que no dia 17 de agosto, uma sacerdotisa do candomblé, líder quilombola e da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq), foi brutalmente assassinada dentro da associação do Quilombo Pitanga dos Palmares, no estado da Bahia?

Outro caso também que denunciamos recentemente foi uma prefeitura no interior paulista negando apoio a um evento relacionado ao candomblé e, dois meses depois, dando total apoio a uma marcha realizada por um grupo de evangélicos.

Gente, o preconceito e a intolerância religiosa matam, portanto, todos devem se unir para que, de pouco em pouco, consigamos extinguir esse mal que assola o Brasil.

Todo cuidado é pouco para o próximo verão

Faltam menos de uma semana para a chegada da primavera, mas o petropolitano já tem presenciado novamente o receio e o medo devido às chuvas de verão. E ao que tudo indica: Petrópolis não está preparada para elas. Na última quinta-feira (14), a chuva que atingiu a cidade, em poucos minutos, derrubou uma árvore na localidade da Posse. Na última terça-feira (12), não foi preciso chover, apenas a ventania foi o suficiente para derrubar uma árvore na localidade Fazenda Inglesa. São pequenas ocorrências que causam um impacto na rotina e, muitas vezes, acidentes ao petropolitano.

A cidade demonstra que ainda está frágil para novas consequências das mudanças climáticas e poucas ações efetivas foram adotadas até o momento. É nítido que a poda de árvores não está sendo realizada, seja por parte da prefeitura, seja pela Enel. O Plano Verão, não ficará completo para as chuvas que se aproximam, e apesar de ser uma importante ferramenta de informação, o SMS não é suficiente para trazer segurança à cidade. O projeto que fará o mapeamento das áreas de risco só deve ser entregue depois do verão. Plano que é fundamental para identificar as melhores estratégias para a prevenção de ocorrências de maior gravidade. O medo das consequências da chuva é muito presente, só ao observarmos o alto número de compartilhamentos instantâneos em redes sociais ao começar a chover. Fotos, vídeos, os próprios moradores criam uma rede de alertas para auxiliar vizinhos.

A fim de buscar soluções, parlamentares criam projetos de lei, elaboram pautas e ações, mas é importante ressaltar que apenas textos de projeto de lei não colocam agentes nas ruas, não levam treinamento aos moradores. As ações devem ser tiradas do papel. A tragédia de 2022 deixou claro que nenhum lugar está seguro, que é preciso orientar toda a população. Pergunto a você leitor: já viu a Defesa Civil alguma vez no seu bairro este ano? Já notou poda de árvores sendo realizadas? Nós cidadãos também temos o dever de cobrar ações dos órgãos públicos.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22775-057
www.correiodamanha.com.br
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.